

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Pinto, Jaime Nogueira, 1946-

Franco Nogueira e o realismo político

<http://hdl.handle.net/11067/7480>

<https://doi.org/10.34628/CMBA-SW83>

Metadata

Issue Date	2023
Publisher	Universidade Lusíada Editora
Keywords	Nogueira, Alberto Franco, 1918-1993 - Crítica e interpretação, Nogueira, Alberto Franco, 1918-1993 - Visão política e social
Type	article
Peer Reviewed	yes
Collections	[ILID-CEJEIA] Polis, s. 2, n. 08 (Julho-Dezembro 2023)

This page was automatically generated in 2025-04-19T01:42:24Z with information provided by the Repository

Franco Nogueira e o realismo político

Franco Nogueira and political realism

Jaime Nogueira Pinto

Professor Jubilado do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa

Email: jaimenpinto@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.34628/CMBA-SW83>

Sem conhecer o magnífico retrato e perfil de Franco Nogueira que Marcello Mathias aqui traçou, pensei falar do realismo político de Franco Nogueira, um realismo político aliado ao nacionalismo. Pensei que valia a pena falar disso, porque estamos num mundo de tal maneira dominado pelo maniqueísmo, pelo irrealismo, pela propaganda, que toda a gente acaba a dizer a mesma coisa.

Em Portugal, curiosamente, dizia-se que dizíamos todos a mesma coisa porque tínhamos Censura Prévia. Hoje em dia temos não sei quantas televisões e dizem todas a mesma coisa. As opiniões são iguais, as pessoas, os comentadores berram uns com os outros, mas na essência estão de acordo em tudo que é importante. E por isso pensei que valia a pena olharmos para o realismo que é tratado como uma coisa má. Porque as pessoas gostam de se declarar muito boas, muito cheias de ideais e têm poucos conhecimentos dos temas de que falam. Os destinatários também não são assim tão estúpidos, e começam a reagir. Mas isso é outra história.

Franco Nogueira tinha a coragem de ser realista e várias vezes discutimos porque o realismo dele era mais radical do que o meu, embora tivéssemos convergência no ponto de partida no nosso pessimismo antropológico. Pessimismo antropológico que, no fundo parte do conhecimento da natureza humana; e pessimismo que, para os cristãos (porque, sabemos que nos podemos sempre perder e salvar todos os dias) é um pessimismo relativo. Mas essa consciência da natureza humana e da sua maldade, quem primeiro politicamente falou dela na modernidade foi Maquiavel. As pessoas conhecem Maquiavel como infelizmente conhecem quase tudo – por ouvir dizer. Conhecem em segunda mão, conhecem por divulgação, nem sequer leram, mesmo “o Príncipe”, que é um livri-

nho, mas ouviram ou leram transcrições. “O Príncipe” é uma espécie de livro de conselhos aos tiranos, como é que devem manter o poder, um livro que Maquiavel escreveu num tempo de desgraça, pessoal, para ganhar o favor dos Medicis.

Mas a verdadeira ideologia, o verdadeiro pensamento de Maquiavel está nos *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio* e aí vê-se que Maquiavel prezava acima de tudo duas coisas:

- i) Prezava a Nação italiana que não se constituiu mas que ele gostaria que se tivesse constituído e
- ii) a liberdade no sentido romano, uma liberdade dentro da comunidade e dentro dos valores; ele achava que esses valores – e a liberdade – se preservavam mais facilmente num mundo de Estados independentes, de Nações livres, do que num mundo maior, num espaço que fosse governado pelo poder pontifício ou pelo poder imperial. A ideia era que, e essa ideia está muito marcada em Maquiavel e em todos os teóricos do nacionalismo, que é a melhor maneira de defendermos as nossas liberdades e os nossos direitos é dentro da liberdade da Nação.

Franco Nogueira também pensava assim. Ele tinha de facto o sentido de que as nossas liberdades, mesmo quando em regime autoritário, eram garantidas pela defesa da Nação. Eu tinha uma discussão com ele nesse ponto, porque ele dizia que as ideologias não contavam nada, que eram os interesses nacionais, mas o próprio nacionalismo é uma ideologia – quando eu escolho que a Nação é mais importante do que a Humanidade, ou que a nação é mais importante do que alguns direitos individuais, eu estou a fa-

zer uma escolha ideológica. Aí tínhamos alguma discussão terminológica, mas também se a gente não discutir com os nossos amigos, com quem é que discute?

- iii) E gostava aqui de falar de um outro ponto que me parece muito importante que é a actualidade deste realismo e desta visão que Franco Nogueira tinha do mundo. Marcello Mathias falou desse aspecto. Franco Nogueira, como muitos de nós, viu ruir o império português, viu tudo isso desaparecer; ficámos tranquilos com a nossa consciência, porque lutámos contra isso, mas não há dúvida de que aconteceu e tivemos a noção de que foi uma tragédia.

Houve quem lutasse contra e houve quem não lutasse. A crítica que hoje faço a Salazar, mas também a Franco Nogueira, é que tinham a ideia que desaparecendo o controlo político e militar, nós perderíamos toda e qualquer influência que tínhamos naqueles que eram então os territórios do Ultramar português. Eu também pensava assim, mas hoje estou convencido que não, que as ligações económicas e culturais podiam ter sido preservadas, mesmo sem soberania política. A ideia era que, no dia que Portugal saísse, os americanos, os chineses, os russos, todos se precipitariam para as ex-colónias portuguesas. Mas não se precipitaram coisíssima nenhuma. Quer dizer, são países como os outros e isso aí foi de facto um erro, foi um erro de percepção. Talvez houvesse outras alternativas.

Franco Nogueira era um realista mas era acima de tudo era nacionalista, e percebeu que quando o império acabou tínhamos que resistir e ser nação para além dele. Tínhamos que manter a inde-

pendência nacional. E o seu inimigo principal passou a ser o federalismo europeu. E olhando o mundo, em relação há 30 ou 40 anos, há um grande renascimento da vontade nacional, do sentido da independência, em duas espécies de países: nos países que vieram da tutela comunista e alguns deles eram nações antigas como a portuguesa, caso dos húngaros e dos polacos que passaram grande parte da sua história política dominados por impérios.

Enquanto nós tivemos uma geografia abençoada, que foi ficar aqui neste canto europeu só com os castelhanos ao lado, esses povos estiveram no meio de impérios, dos russos, dos alemães, dos turcos, sempre impérios por perto. Exactamente essas nações porque reconquistaram recentemente a sua liberdade, quando saíram da tutela soviética, não querem outra tutela. Não querem ser tutelados, não querem a tutela meiga e simpática de Bruxelas, a querer impor-nos as palavras que a gente diz, as palavras que a gente não diz, corrigir os livros, a censurar as plataformas sociais, eles não querem nada disso, graças a Deus.

Mas há também um ressuscitar da importância da fronteira porque as grandes vítimas do globalismo acabaram por ser as classes trabalhadoras e as classes médias da Europa e dos Estados Unidos. E por isso há uma resistência muito grande a esse globalismo e ao federalismo. Franco Nogueira ficaria contente e feliz de ver isso, ele que não era normalmente optimista. Para terminar eu gostava de dar dois exemplos em que o realismo de Franco Nogueira interpreta muito melhor o que se passa do que toda esta propaganda que nos rodeia.

- i) O exemplo principal aconteceu na semana passada, e penso que todos leram, embora não se tivesse dado aqui grande relevo, foi o acordo entre o Irão e a Arábia Saudita, que eram inimigos principais, inimigos por todas as razões e mais uma: são próximos, são rivais, porque ideologicamente aquilo que mais divide no Islão, uns são os líderes de Xiismo, os outros são os chefes de fila do sunismo. Quem conheça um pouco a História do Islão sabe o que é que isto significa. Um amigo meu iraquiano explicou-me um dia tal divisão: como todas as divi-

sões nas religiões, vem da interpretação das palavras base da Fé. A Maomé, quando estava no seu leito de morte, perguntaram-lhe quem era o seu sucessor, e ele disse: “O meu sucessor é aquele que está mais próximo de mim”. Ora bem, quem estava ao seu lado, naquela altura, era Abu Bakr, que também era o seu segundo na guerra e no culto. Mas próximo noutro sentido, familiar, era Ali, o seu genro, casado com a filha. Era o seu próximo, familiar. E assim da interpretação deste “próximo” derivaram duas linhas: a linha dos Califas, a linha do sunismo (*suní* é “principal”) e dominante e os xiitas (*xia* é dissidência), a seita dos imãs que foram os sucessores de Ali. Os sauditas e o Irão actual não podiam estar mais opostos, não podiam ter feito mais coisas terríveis uns aos outros, de perfídias, combates por interpostas facções do Yemen; e bruscamente, porque tiveram interesse nisso, interesses próximos, uniram-se; e os chineses perceberam isso e mediaram, e é uma mediação que não tem nada a ver com ideologia, mas com interesses concretos próximos. E como os sauditas, neste momento, também se querem de certo modo livrar de alguma tutela que têm dos Estados Unidos, o Acordo fez-se.

- ii) E passamos agora ao segundo lado, a ideia do Presidente Biden fazer uma nova separação do mundo através de uma linha ideológica de Democracias versus Não Democracias. Mas não está a correr nada bem. As democracias na Europa e os Estados Unidos, mantêm-se, mas, no resto do Mundo, os grandes – a Índia e a China – aproximaram-se nestas questões, porque têm outra ideia de democracia.
- iii) Eu queria sublinhar isso: o realismo de Franco Nogueira hoje está muito mais próximo da realidade e da interpretação da realidade do que há 30 anos quando nos deixou. O Embaixador Marcello Mathias lembrou que a História e a natureza humana continuam; e que a única forma que nós temos para conhecer bem a natureza humana, e não só a natureza humana, as pessoas, as comunidades, as regiões, os Estados, é a História. De facto não temos outro laboratório e por isso

mesmo, toda a tradição realista e toda a tradição maquiavélica são sempre baseadas numa análise do passado: mas a realidade não nega nem exclui os ideais; isso é um ponto que gostava que ficasse aqui porque Franco Nogueira também tinha essa noção. E se há de facto algum ideal constante no pensamento europeu, é que a tese admite sempre a antítese, que um princípio admite sempre o seu contraditório. Não vemos isso acontecer noutras áreas do mundo. Acho que isso é muito importante e Franco Nogueira cultivava também essa ideia; e o Embaixador Marcello Mathias mencionou isso também, dizendo que ele era assim porque conhecia muito bem a Literatura. E a literatura de facto é o que revela melhor a natureza humana para além da nossa própria experiência que é sempre curta; e por muito boa que seja, não chega a tudo como a Literatura e a História. A Literatura dá-nos o passado através dos grandes romancistas e dos grandes poetas. No caso português, o povo português conhecemo-lo bem através dos grandes poetas – Camões e Pessoa. Depois, para conhecer os portugueses, as pessoas, são os romancistas: o Eça para conhecer Lisboa, que infelizmente continua igual. Dizia ele: “De Portugal só conheço Lisboa e de Lisboa, a classe alta”. E o Camilo para o resto do país. Camilo Castelo Branco é o grande conhecedor daqueles portugueses, que não são os tais de Lisboa, as tais elites, são aqueles que quando apanham uma fúria vão a casa buscar a caçadeira e dão um tiro em quem lhes deu uma **sacholada** ou **cacetada**. Mas que também são generosos e levam até às últimas consequências as suas convicções.

Para terminar, Franco Nogueira de facto conhecia muito bem Portugal e os portugueses e gostava de Portugal. Eu costumava dizer que Salazar tinha um problema: Salazar gostava de Portugal mas não gostava muito dos portugueses. Franco Nogueira gostava dos portugueses, mas não tinha paciência para certos portugueses.

Muito obrigado

Lisboa, 14 de Março de 2023